



Esta edição possui os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

O caso da borboleta Atíria

© Lúcia Machado de Almeida, 1975

Diretoria editorial Lídiane Vivaldini Olo

Gerência editorial Kandy Saraiva

Edição Camila Saraiva

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

ARTE

Narjara Lara (coord.), Thatiana Kalaes (assist.)

Projeto gráfico & redesenho do logo Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

Capa montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Milton Rodrigues Alves

REVISÃO

Andreia Pereira e Flávia Zambon

ICONOGRAFIA

Sílvio Kligin (superv.), Claudia Bertolazzi (pesquisa), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens Acervo da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (p. 124 e 126)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A448c

23. ed.

Almeida, Lúcia Machado de, 1910-2005

O caso da borboleta Atíria / Lúcia Machado de Almeida. - 23. ed. -

São Paulo : Ática, 2016.

128 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-08-18157-5

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

16-32887

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 739845

CAE 594802

2016

23ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

ea

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





O Caso da Borboleta *Atíria*

LÚCIA MACHADO
DE ALMEIDA

Série Vaga-Lume



ea

editora ática

Crime no mundo dos insetos

SOLTE SUA IMAGINAÇÃO! Você vai se deparar com um tremendo mistério policial que tem como protagonista uma singela borboleta. A história se passa no mundo dos insetos — que você vai ter oportunidade de conhecer, como se ficasse pequeno e compreendesse a língua de grilos, besouros e lagartas.

Quem é o criminoso que está ameaçando a floresta? Qual o motivo dos crimes? As respostas são surpreendentes... Lúcia Machado de Almeida cria uma emocionante aventura de detetive, misturando elementos de lendas e contos de fadas.

Ao fazer os insetos falarem e pensarem, a autora apresenta uma visão crítica da própria sociedade humana, levando o leitor a refletir sobre o mundo em que vive. Prepare-se para conhecer um livro mágico. Venha solucionar *O caso da borboleta Atíria*. Boa leitura.



sumário

<i>capítulo 1.</i>	
Atíria	9
<i>capítulo 2.</i>	
A folha falante	13
<i>capítulo 3.</i>	
O Príncipe Grilo, Caligo e Papílio	16
<i>capítulo 4.</i>	
Vanessa Atalanta	20
<i>capítulo 5.</i>	
Aventura	25
<i>capítulo 6.</i>	
A nuvem negra	30
<i>capítulo 7.</i>	
O galho mágico	36
<i>capítulo 8.</i>	
Mistério	41
<i>capítulo 9.</i>	
O fantasma	44
<i>capítulo 10.</i>	
Um pouco de luz	49
<i>capítulo 11.</i>	
O parque de diversões	55
<i>capítulo 12.</i>	
Papílio na colmeia	64
<i>capítulo 13.</i>	
O concerto	78





<i>capítulo 14.</i>	
Perigo	84
<i>capítulo 15.</i>	
A gruta dos horrores	90
<i>capítulo 16.</i>	
Lá fora	100
<i>capítulo 17.</i>	
O Esqueleto-Vivo	103
<i>capítulo 18.</i>	
Chegariam tarde?	106
<i>capítulo 19.</i>	
Esclarecimento	116
<i>capítulo 20.</i>	
As bodas	118
<i>Bibliografia</i>	123

Saiba mais sobre Lúcia Machado de Almeida **124**





1. Atíria

NUM BOSQUE CHEIO DE PASSARINHOS E FLORES, aparecera certa vez uma pequenina e silenciosa crisálida, colada ao tronco de uma árvore.

Uma velha Jitiranaboia* examinava-a admirada, pensando nas coisas extraordinárias que estavam acontecendo com ela. Pobrezinha! Ficava ali tão só e abandonada! Em toda parte as mães-borboletas gostavam de vigiar as crisálidas, esperando a hora em que se completasse o fenômeno maravilhoso da metamorfose e as filhinhas-borboletas saíssem dos invólucros.** Aquele, entretanto, parecia não interessar a ninguém.

— Esse inseto não deve ter pai nem mãe, pensou a Jitirana.

Céus! Como era feia Dona Jitirana! Um corpo grande e desajeitado, uma cabeça enorme, inchada, um narigão seme-

.....
* A Jitiranaboia mede cerca de sete centímetros, é aparentada com a cigarra e sofre metamorfose incompleta. (Pertence à ordem dos homópteros.)

** Esse cuidado de as borboletas vigiarem os casulos corre por conta da fantasia da autora, uma vez que elas vivem apenas de duas semanas a um ano, depois de atingida a fase adulta, em que se reproduzem.

lhante a tromba. Metia medo... Sem razão, aliás, pois Dona Jitirana era uma das melhores criaturas que se possa imaginar.

Atenção! Eis que a crisálida começou a mexer-se... rompeu-se... e, pouco a pouco, veio surgindo lá de dentro uma pequenina borboleta...

Era linda, e suas asas amarelas e pretas estavam como que molhadas.

— É uma Atíria!* — exclamou a Jitirana, encantada.

A recém-nascida abriu os olhos e tentou levantar voo. Inútil, não conseguia sair do mesmo lugar.

— Espere um pouquinho, meu bem — disse a Jitirana, aproximando-se. — Dentro de uma ou duas horas as asas ficarão firmes e você poderá voar.

O rosto feio assustou a pequenina, mas havia tal doçura, tal carinho no olhar da Jitirana, que Atíria acabou sorrindo, confiante.

Era tão frágil, tão ingênua e não compreendia nada ainda...

Lembrava-se vagamente de seu estado de larva, quando se arrastava pelo chão e só sabia comer folhas e dormir. Depois, o sono de dois meses... o esquecimento na crisálida... Até que um ímpeto de vida a fez tomar conhecimento real de sua personalidade.

— Experimente voar agora — disse a Jitirana.

A borboleta abriu as pequeninas asas, equilibrou-se no ar durante algum tempo, depois caiu ao chão outra vez.

.....
* Borboleta noturna, comum nos bosques do Brasil. (Seu nome científico é *Atyria isis* e pertence à família *geometridae*.)

Esquisito aquilo, pois já se haviam passado três horas desde que tinha abandonado a crisálida e era natural que saísse voando livremente. Seria defeituosa?

— Venha aqui, pequenina, deixe-me ver o que aconteceu — falou a Jitirana.

Dito e feito. A borboleta tinha nascido com um desvio qualquer numa das asas, o que lhe dificultava o voo. E não havia jeito. A vida inteira ficaria assim, sem poder ir longe, sem aguentar viagens longas.

E teria de enfrentar sozinha o imenso bosque cheio de armadilhas e perigos, surpresas e mistérios...

O coração da Jitirana sentia-se atraído para tudo o que era humilde, fraco, desprotegido, e ela comoveu-se. Entretanto, já havia tomado uma decisão. Nunca tinha sido mãe, adotaria a pequenina borboleta como filha. Amá-la-ia e defendê-la-ia contra tudo e contra todos.

— Você quer morar comigo? — indagou, aproximando-se da recém-nascida.

Atíria hesitou a princípio, pensativa. A Jitirana procurava adivinhar-lhe a resposta no jeito tímido de olhar. Será que Atíria se recusava? A Jitirana se entristeceu, sem esperança. Para disfarçar seu embaraço, começou a quebrar uma folha seca, com as patinhas.

Atíria pareceu decidir-se afinal:

— Vou dar muito trabalho à Senhora — respondeu com voz fraquinha.

— Não diga isso, menina. Vivo sozinha, você até servirá de companhia para mim — disse a Jitirana, satisfeita.

— Então, sim. E muito obrigada. Hei de trazer todos os dias um pouquinho do néctar das flores para a Senhora.

E voaram devagarzinho até um velho tronco de jacarandá, onde morava a Jitirana.

— Não tenha medo de nada — disse ela. — Tomarei conta de você para sempre.

Ah! Bem que ela iria precisar de proteção! Alguém de mau, de muito mau mesmo — o ser mais perverso e diabólico do reino dos insetos — iria persegui-la. Um estranho ser mergulhado nas trevas, dotado de poderes quase sobrenaturais...